

HOMEM DO CAMPO

Grupo O Regional

02 DE OUTUBRO 2021



Baixe o App

Embrapa deu início hoje ao 13º Congresso Nacional de Feijão

Embrapa apresenta recomendações para a conservação pós-colheita de raízes de mandioca de mesa

Leite de qualidade é o primeiro passo para produzir um bom queijo

Cachorro vomitando após troca de ração: o que fazer?

Lambadura excessiva em cães: o que pode ser feito?

Acompanhe todas as terças feiras edição online e as sextas feiras edição impressa/online as principais notícias, matérias e acontecimentos da região

REGIONAL

Circulação em 15 cidades

Amparo - Artur Nogueira - Conchal - Cosmópolis
Engenheiro Coelho - Espírito Santo do Pinhal
Estiva Gerbi - Holambra - Itapira - Jaguariúna
Mogi Guaçu - Mogi Mirim - Paulínia - Pedreira
Santo Antônio de Posse

Whatsapp: 19 9 9685 4255 - 9 9772 0540
Email: comercial@jornaloregional.net

AGRONEGÓCIOS

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

MARIADITA
SENEPOL
JAGUARIÚNA



O CONTRATO BARTER NAS OPERAÇÕES AGRO

Em operação desde os anos 90, o contrato Barter é bastante útil ao agronegócio, beneficiando produtores e vendedores. Ele chega a representar mais de 20% do faturamento de empresas de grande porte. O fato de o agricultor não precisar desembolsar dinheiro para adquirir insumos pode ser apontado como um dos maiores benefícios.

O QUE É O CONTRATO BARTER E PARA QUE SERVE?

O contrato Barter é uma forma facilitada de negociação. O termo “barter” significa permuta, troca. Assim, é uma prática na qual o agricultor pode trocar uma parcela da sua produção por insumos. A negociação é realizada ainda antes da colheita, o que impede a variação de preço.

Ele é uma alternativa para garantir a safra. Por exemplo, se o produtor tem milho, pode negociá-lo e trocar por insumos para o fomento da lavoura, como sementes ou herbicidas.

QUANDO PODE SER UTILIZADO E COMO É SUA ESTRUTURA?

Quando o agricultor precisar de insumos, mas não puder comprar com dinheiro. Ele assina um contrato (documento chamado Cédula de Produto Rural - CPR) e se compromete a entregar parte da colheita.

São três pessoas na negociação: produtor, fornecedor de insumo e o trading ou consumidor de grão. O fornecedor trabalha em parceria com o trading, o qual é o interessado final na permuta.

QUAIS OS PRÓS E CONTRAS?

Existem diversas vantagens nessa negociação:

- segurança: protege o produtor contra oscilação de preço de commodities e produtos. A negociação sai travada;
- liquidez: o negócio envolve desde a compra dos insumos até a entrega dos grãos. O agricultor não precisa se preocupar com o refinan-

ciamento de capital de giro;

- câmbio: o agricultor recebe o lucro pré-determinado e o contrato é feito na mesma moeda do recebimento da produção. Não é preciso se preocupar com a oscilação do câmbio;

- diminuição de riscos: devido ao CPR, que legaliza e formaliza o processo, nenhuma das partes fica prejudicada.

Com relação à desvantagem, a operação pode envolver taxa de juros alta, assim o agricultor precisa avaliar se a troca é positiva em cada caso concreto.

De qualquer forma, o contrato Barter costuma ser uma alternativa vantajosa para o financiamento da safra, além de ajudar o agricultor a administrar a lavoura, sem elevados custos.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça) é sócio na AgroBox Agronegócios e Mariadita Senepol Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@mariadita-senepol.com.br

Embrapa deu início hoje ao 13º Congresso Nacional de Feijão

Evento 100% digital conta com participantes de 18 estados e cinco países diferentes

Começou hoje (28/09) o XIII Conafe, fórum de debates que acontece a cada três anos, reunindo os principais nomes e instituições que trabalham com pesquisa sobre esta cultura no país. Serão três dias de conferências, palestras e painéis, nos quais serão discutidos assuntos relacionados à automação de processos, manejo da cultura, fitossanidade, nutrição de plantas, microrganismos benéficos, impactos do clima na produção de grãos, intensificação sustentável, biotecnologia, melhoramento genético, consumo e mercado, entre outros outros temas. Com debates e apresentações de inovações tecnológicas e negócio, o Conafe visa ao nivelamento de conhecimento de todos os envolvidos na cadeia do feijão.

O XIII Conafe está se realizando pela primeira vez de forma 100% on-line, permitindo o alcance dos temas apresentados até onde a web possa ser acessada, promovendo um ganho considerável na divulgação da pesquisa sobre o feijoeiro-comum. Esta edição tinha agenda programada para acontecer em 2020, mas, em virtude da pandemia provocada pelo Coronavírus, precisou ser adiada em um ano. A programação, como em todas as edições, é bastante rica e foi pensada pela equipe organizadora para abranger o mais amplo espectro de conteúdo, permitindo atualizar o conhecimento de toda a cadeia produtiva. Os vídeos estarão disponíveis na página do evento a partir do dia 1º de outubro, incluindo as apresentações da abertura.

A abertura do Fórum foi feita pelo chefe geral da Embrapa Arroz e Feijão, Elcio Perpétuo Guimarães, que fez um rápido retrospecto histórico do Conafe, lembrando as realizações desde o século passado, retratando a sua importância na promoção da segurança alimentar e na produção e divulgação de novos conhecimentos, que colaboraram, entre outros aspectos, para a ampliação das áreas e modos de produção, saindo da condição de importadores. “Hoje somos autossuficientes e até exportamos feijão para países vizinhos”, lembra Elcio Guimarães.

Após o chefe geral, falou o presidente do Conafe, o chefe de Pesquisa e Desenvolvimento



(P&D) da Embrapa Arroz e Feijão, Thiago Lívio de Souza, que reforçou a importância do Fórum e a satisfação da realização neste ano tão distinto dos demais, uma edição desafiadora e inovadora, segundo ele, pela condição de primeira vez on-line. Com mais de 400 inscritos e mais de 200 trabalhos a serem apresentados; tendo inscrições oriundas de 18 estados e cinco países, além de reunir 20 instituições diferentes, trazendo as novidades que alcançaram em suas pesquisas, Thiago Lívio afirma ser “o maior evento técnico da pesquisa científica do feijão do Brasil e um dos maiores do mundo” e conclui: “vai ser um fórum muito interessante que impulsionará nossa pesquisa”.

O próximo a falar, o secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Goiás, Tiago Freitas de Mendonça, representante do governador Ronaldo Caiado, deu as boas-vindas aos participantes do Conafe, enfatizando a grande oportunidade que o evento oferece às instituições integrantes, para discussão de temas que podem promover o crescimento da cadeia do feijão.

Em seguida, falou o diretor executivo de P&D da Embrapa, Guy de Capdeville, que representou também o presidente da Empresa, Celso Luiz Moretti. Ele destacou, além da já citada importância

técnica dos trabalhos apresentados, a força institucional que o Conafe carrega em si, pela possibilidade de acompanhar o avanço do conhecimento de parte a parte: a Embrapa tomando ciência do que se desenvolve nas demais instituições e estas tendo acesso às pesquisas produzidas na Empresa. O diretor de P&D revelou que, internamente, considera-se o feijão uma das mais importantes culturas do Brasil e que a Embrapa busca, junto aos seus diversos parceiros do setor produtivo, Universidades, institutos de pesquisa e órgãos de extensão, soluções sustentáveis e ambientalmente amigáveis, com sistemas de produção o mais intensificados possível. “É uma cultura que vem crescendo cada vez mais, com Market Share importante no agro nacional e perspectivas muito grandes para exportação. Nós consideramos o Conafe uma iniciativa contínua de importância extrema para a Embrapa e para a cultura do feijão como um todo”, concluiu Guy de Capdeville.

Representando a ministra Tereza Cristina Dias, falou o secretário de Inovação, Desenvolvimento Rural e Irrigação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Fernando Silveira Camargo. Ele destacou a atuação da Embrapa na conquista da autossuficiência na produção de feijão. O secretário apontou as pesquisas que inserem a leguminosa em sistemas integrados de plantio e aquelas que buscam diminuição do custo de produção, como desafios a serem debatidos no Conafe. Fernando Silveira citou como elemento do debate, o Programa Nacional de Bioinsumos, do MAPA, que visa à redução da dependência de insumos importados, por parte dos produtores rurais, ampliando a oferta de matéria-prima para o setor, aproveitando o potencial da biodiversidade brasileira.

Concluindo a cerimônia de abertura do XIII Congresso Nacional de Pesquisa de Feijão, Dirceu Borges, superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) Goiás, falou sobre a participação da sua instituição no evento como algo imprescindível. Ele elogiou o painel de temas escolhidos para o Fórum e convidou os participantes a conhecerem os trabalhos do Senar, como o portfólio de cursos a distância, divulgados dentro do ambiente virtual do Conafe.

INMET APRESENTA PERSPECTIVA CLIMÁTICA DA PRIMAVERA

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) apresentou na última terça-feira (21) o Prognóstico Climático da Primavera 2021, que começou no dia 22 de setembro. O evento teve início às 10h (horário de Brasília), com transmissão pelo canal do Inmet no Youtube. Participaram do evento a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina; o secretário de Inovação, Desenvolvimento Rural e Irrigação do Mapa, Fernando Camargo; o coordenador-geral de Ciências da Terra do Inpe, Gilvan Sampaio; a meteorologista do Inmet, Marcia Seabra, e o coordenador de Modelagem Numérica do Inmet, Paulo Costa.

O foco principal do evento foi trazer informações que auxiliem o produtor rural a se preparar para a próxima safra, além de seguradoras e instituições financeiras interessadas no gerenciamento de risco climático. Além disso, será apresentado o Seguro de índice Paramétrico do Inmet e o derivativo climático em construção com a B3 (Bolsa de Valores Brasileira).

Primavera

Climatologicamente, a primavera consiste no período de transição entre as estações seca e chuvosa na região central do Brasil, definindo a qualidade do das chuvas nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e parte do centro-sul da Região Norte. É também neste período que podem ocorrer os primeiros episódios da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), trazendo chuvas fortes, rajadas de vento, descargas atmosféricas e eventual granizo para o Sul do país.

De acordo com o Inmet, estão previstas chuvas ligeiras, acima da média, em áreas dos seguintes estados: Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e norte de Minas Gerais. Durante a estação, são registradas temperaturas elevadas em grande parte da Região Norte, interior do Nordeste e alguns pontos da parte central do Brasil. Em caso de confirmação do fenômeno La Niña, a tendência é de que a Região Sul tenha quantidade maior de chuvas irregulares e que o centro-norte do Brasil seja o foco de chuvas regulares.



Embrapa apresenta recomendações para a conservação pós-colheita de raízes de mandioca de mesa

Com o crescimento nos últimos anos da comercialização de raízes de mandioca minimamente processadas acondicionadas em embalagens plásticas, surgiram alguns desafios a serem superados pelos produtores. Um deles foi como evitar o processo de deterioração fisiológica e microbiológica das raízes que se inicia nas primeiras 48 horas após a colheita e que é fator limitante ao armazenamento. Para ajudá-los nesse sentido, pesquisadores da Embrapa Cerrados publicaram algumas recomendações técnicas relacionadas ao processamento e acondicionamento das raízes.

O estudo foi conduzido pela pesquisadora Madalena Rinaldi, engenheira-agrônoma, doutora em ciência e tecnologia pós-colheita. Segundo ela, o objetivo é fornecer aos produtores e agroindústrias informações sobre as embalagens adequadas para o acondicionamento de raízes de mandioca minimamente processadas utilizan-

do o processo de vácuo garantindo, assim, a qualidade final do produto. “Nossos estudos buscaram avaliar a influência da espessura das embalagens e do processo de vácuo nas características físico-químicas e microbiológicas e na durabilidade do produto”, explica.

De acordo com a especialista, nos estudos foram utilizadas raízes de mandioca de mesa da cultivar IAC 576-70 minimamente processadas, acondicionadas em embalagens de polietileno de baixa densidade (PEBD) de espessuras diversas, com e sem vácuo, armazenadas na temperatura de 3 °C e 90% de umidade relativa. A embalagem a vácuo consiste em um processo de retirada do ar em contato com o alimento e selagem da embalagem. Para a manutenção do processo de vácuo, é necessário que a embalagem tenha as características adequadas principalmente relacionadas à sua espessura.



Leite de qualidade é o primeiro passo para produzir um bom queijo



Carolina Vilhena

Propriedade do Balde Cheio no interior de São Paulo produz queijo premiado na França. “Para fazer um bom queijo, é preciso leite de qualidade”, conta Carolina Vilhena Bittencourt, que recebeu medalha de ouro na 5ª edição do Mondial du Fromage et des Produits Laitiers de Tours, premiação mundial de queijos, na França, de 12 a 14 de setembro. Carolina é a queijeira da BelaFazenda, de Bofete (SP), e produz o próprio leite para fabricação artesanal dos queijos. Desde 2018, ela participa do Balde Cheio, programa da Embrapa de capacitação de técnicos em produção intensiva de leite.

De acordo com André Novo, da Embrapa Pecuária Sudeste (São Carlos, SP) e coordenador do Balde Cheio, Carolina produz um leite de alta qualidade, baseado em pastagem, com respeito ao meio ambiente e bem-estar animal, ou seja, uma produção sustentável. “A matéria prima faz muita diferença, da forma como ela é produzida, e todo esse propósito de sustentabilidade acompanha o sabor do queijo que a Carolina produz em Bofete. Além de todo o processo do queijo, que é uma arte. Ela é uma verdadeira artista”, destacou Novo.

O queijo premiado de Carolina - Bem Brasil Extra Maturado – foi inspirado em um queijo típico francês. Passou por três avaliações – aspectos físico, textura e sabor e aroma. Apesar de nova na atividade, esta já é a segunda medalha nesse concurso, que ocorre a cada dois anos. Em 2019, seu queijo, inspirado no tradicional cheddar inglês, foi prata. Na época, havia apenas um ano que estava nessa área.

Médica veterinária de formação, quando decidiu ser queijeira, foi estudar e fazer cursos. Passou o ano de 2017 todo estudando e praticando. “Comprei um livro de receitas e me propus a praticar uma receita por dia. Muitas vezes, mesmo cansada da rotina de trabalho, tarde da noite, praticava minhas receitas”, contou.

Em 2018, iniciou a capacitação continuada da Embrapa Pecuária Sudeste em produção de leite orgânico. Foi quando conheceu o Balde Cheio e iniciou o trabalho na BelaFazenda com técnico do programa. Para ela, ter um bom técnico foi e continua sendo essencial. Segundo Carolina, o primeiro passo foi melhorar as pastagens. Mas o principal foi aprender a pensar nas decisões. “Aprendi que o bom é inimigo do ótimo, aprendi a priorizar algumas coisas”, ressaltou.

Atualmente a fazenda tem 100% da área para as vacas em lactação irrigada, produz o milho para silagem, faz controle de brucelose e tuberculose e sua produção é toda a pasto. A BelaFazenda produz 300 litros de leite/dia e fabrica 30 kg de queijo todos os dias. São 20 hectares de pasto e 12 hectares de milho. No total, oito pessoas trabalham com Carolina na fazenda e na queijaria. Ela é a queijeira principal da BelaFazenda.

Mundial

O Brasil conquistou 57 medalhas, ficando atrás apenas da França. Foram 46 países participantes, com 900 queijos. Do Brasil, 183 queijos de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Pará, Goiás e Mato Grosso do Sul participaram do concurso. O mundial ocorre a cada dois anos.

Balde Cheio

O programa tem foco na capacitação de técnicos em produção intensiva de leite e promove o desenvolvimento da pecuária leiteira no país. A iniciativa visa contribuir para tornar as propriedades sustentáveis e mais rentáveis, principalmente as pequenas, que são maioria nessa atividade. Com isso, o programa de capacitação colabora ainda para atingir a meta 10 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 10) sobre redução das desigualdades. O programa Balde Cheio está presente em 19 estados, com cerca de 300 profissionais em treinamento e mais de 1800 produtores participantes.

PREÇO DO MILHO DEVE BAIXAR NO MERCADO INTERNO

O Governo Federal suspendeu a cobrança de PIS e Cofins na importação de milho até 31 de dezembro deste ano. O objetivo é desonerar o custo de aquisição externa com foco no aumento da oferta interna buscando reduzir a pressão de preços e os custos dos criadores de animais, já que o grão é importante insumo na alimentação de bovinos, suínos e aves.

A medida consta na Medida Provisória Nº 1.071, publicada nesta quinta-feira (23) e foi proposta pela ministra Tereza Cristina (Agricultura, Pecuária e Abastecimento), em razão da quebra na produção de milho por causa da seca, e do cenário de aperto no abastecimento, o que provocou alta no preço do milho para os criadores

de animais.

Segundo a MP, ficam reduzidas a zero, até 31 de dezembro de 2021, as alíquotas de contribuição incidentes na importação do milho. A Medida Provisória entra em vigor no quinto dia útil após a data de sua publicação.

A suspensão permitirá a compra de milho de outros mercados fora do Mercosul de maneira competitiva, melhorando o abastecimento interno e evitando reajuste nos preços das carnes para o consumidor. A expectativa é que a retirada da cobrança da tarifa representa redução de 9,25% no custo de importação ou R\$ 9 por saca.

De acordo com o levantamento mais recente da Conab (setembro), a produção

nacional de milho safra 2020/2021 deve chegar a 85,7 milhões de toneladas, uma redução de 16,4% em comparação ao ciclo anterior (102,5 milhões de toneladas), impactada por problemas climáticos.

Outra medida tomada, recentemente, pela Câmara de Comércio Exterior (Camex), foi a retirada do imposto de importação (8%), a Tarifa Externa Comum (TEC), do milho até o fim deste ano, e a facilitação para as compras de milho geneticamente modificado cultivado nos Estados Unidos. Ambas normativas foram propostas pelo Ministério da Agricultura.

Milho balcão

O Governo Federal também autorizou leilões públicos de compra ou de remoção de estoque de milho realizados pela Conab de forma a garantir a regularidade do abastecimento do cereal, beneficiando pequenos criadores de animais, inclusive aquicultores.

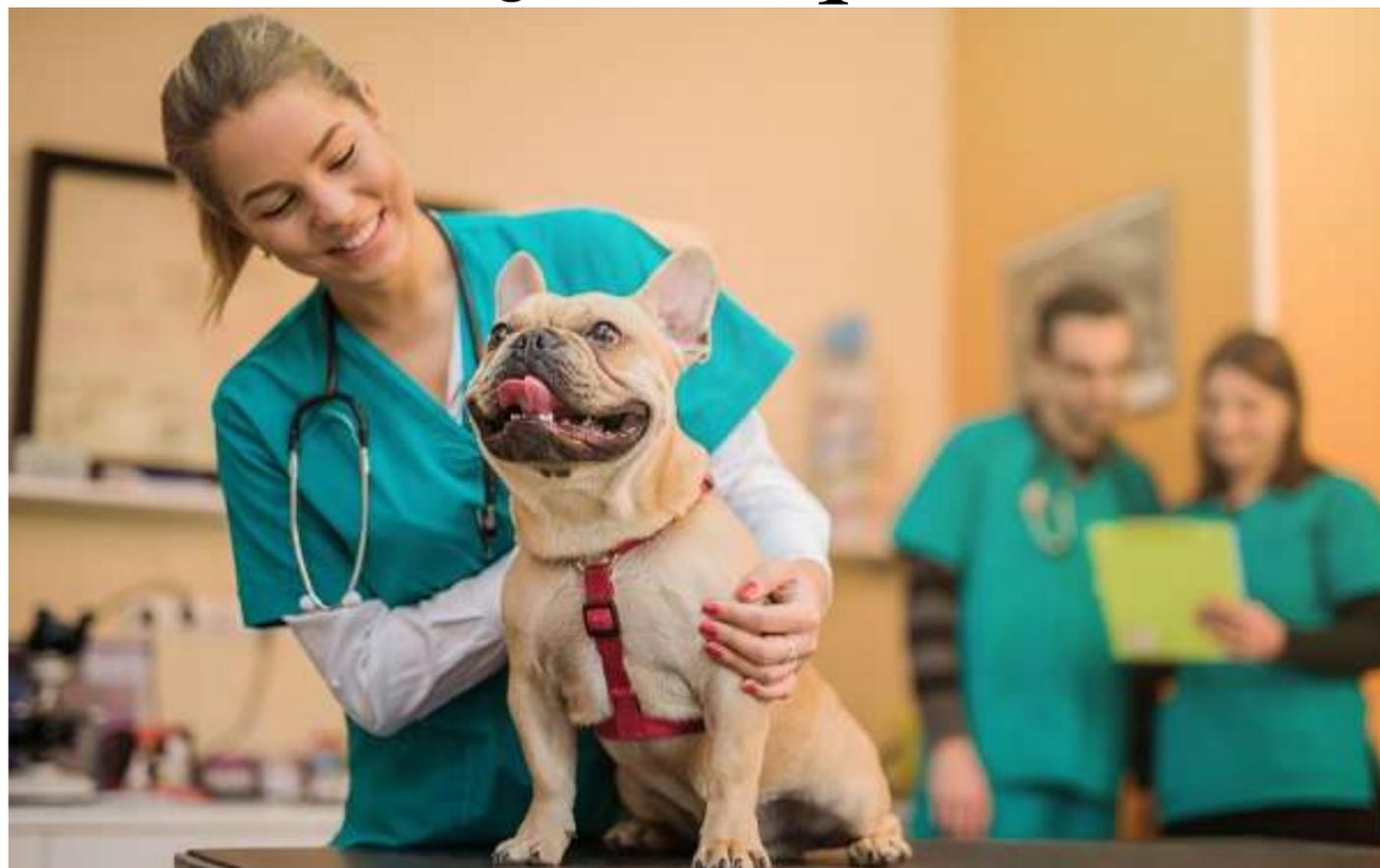
A previsão é adquirir até 110 mil toneladas para atender o Programa de Venda em Balcão (ProVB) até o final do ano. Os leilões deverão ter início este mês.

Com a publicação da Medida Provisória 1.064, em 17 de agosto deste ano, foi definida a compra, anual, de até 200 mil toneladas de milho, em condições de mercado, para atendimento ao Programa, por meio da Política de Formação de Estoques Públicos. O anúncio foi feito pelo presidente Jair Bolsonaro e pela ministra Tereza Cristina.



DICAS DO MUNDO PET

Cachorro vomitando após troca de ração: o que fazer?



“Doutor, troquei a ração do meu cachorro e agora ele está vomitando depois de comer, o que eu posso fazer?” Essa é uma pergunta que muitos médicos veterinários já ouviram e a causa principal para esse tipo de problema é: a falta de informação!

A gente sabe que existem vários motivos para querer mudar a ração do seu cachorro. Por exemplo, você pode optar por uma opção mais saudável em relação à atual ou simplesmente mudar para uma

específica da idade do pet, já que ele deixou de ser filhote.

Seja qual for o motivo, trocar a ração não é proibido, desde que seja feita da maneira correta! Você vai entender o jeito certo de fazer a transição e como ajudar um cachorro vomitando após troca de ração.

Por que não podemos trocar a ração de uma hora para outra?

Conforme explica Marina Rodrigues,

médica veterinária da Petlove, trocar a ração do pet de uma hora para outra não é indicado, pois o sistema gastrointestinal dos cães é muito sensível a mudanças repentinas. Logo, simplesmente trocar a ração que você colocava diariamente para ele por uma nova pode causar problemas de saúde.

“Quando realizamos a troca da ração dos nossos pets, é muito importante que façamos de maneira gradual pois eles são sensíveis a mudanças bruscas na alimentação e quando essa transição não é respeitada ocorre desconforto abdominal, vômito e diarreia”, explicou.

Como fazer a transição de uma ração para outra?

Basicamente, devemos fazer a transição da ração de forma gradual para driblar essa sensibilidade do organismo canino. Essa fase, de acordo com a médica veterinária, deve durar sete dias, usando a ração que o cão já come misturada a ração que ele passará a comer, da seguinte forma:

- 1º e 2º dia, ofereça 25% da nova ra-

ção com 75% do alimento habitual de seu pet.

- 3º e 4º dia, misture 50% da nova ração e 50% do alimento habitual.
- 5º e 6º dia, aumente para 75% da nova ração a 25% do alimento habitual.
- No 7º dia, deve ser oferecido 100% do novo alimento.

Cachorro vomitando após troca de ração: o que fazer?

De acordo com Marina, um cachorro vomitando após troca de ração deve ser levado para uma avaliação com o médico veterinário de confiança o mais rápido possível.

“Caso a transição tenha sido realizada e o cão apresente episódios de vômito prolongado, o médico veterinário deverá ser consultado pois o vômito não é uma manifestação específica de uma única doença. Assim, esse sintoma pode estar relacionado a alergia a algum componente da ração ou intolerância e até mesmo a algo mais sério como uma doença sistêmica ou corpo estranho no estômago”, destacou.



Lambedura excessiva em cães: o que pode ser feito?



Excesso de lambidas nas patas, bumbum e cotovelo pode ter fundo emocional.

Diversos tutores se queixam que seu cachorro está se lambendo demais. Alguns relatam que não conseguem dormir, pois o cão fica no “lambe lambe” a noite toda. Se lamber é um hábito natural dos cães. Porém, quando isso se torna uma compulsão, é sinal de alerta!

Apesar de cães não serem gatos (obviamente), eles também se limpam por meio da lambida. Mas se ele para uma atividade para se lamber, algo errado está no ar. Sabe aquele cachorro que está roendo um osso, mas prefere lamber a pata? Ou aquele outro que está recebendo carinho e quando o tutor para ele vai direto lamber a pata? Isso não é normal. Deve ser investigado.

Quando dou aula para médicos veterinários, explico que diversos problemas clínicos podem ter fundo emocional. A lambedura sem dúvidas é um desses casos. Mas não sabemos o que vem

antes: a dermatite ou o estresse.

Isso me lembra de um lindo cãozinho que fui atender com queixa de lambedura. Perguntei se ele havia passado com o médico veterinário e os tutores disseram que passariam em seguida. Passei todo meu tratamento, deixando claro que precisava da avaliação de um médico veterinário dermatologista para verificar se não havia nada naquela pata.

Dois meses se passaram e o caso não evoluía como o desejado. O cão já não parava as atividades para se lamber, mas ainda não havia parado completamente. Quando questionei sobre o laudo do veterinário, descobri que não haviam ido à clínica. Expliquei sobre a importância de ver se tinha algo físico. Resumindo, o cachorro estava com um fungo na pata.

Esse pequeno ser (o fungo) causava uma coceira louca no cachorro. Eu poderia fazer o tratamento mais incrível contra estresse que jamais seria o suficiente. Mas a pergunta que fica é: o que causou o quê? O cachorro estava

estressado, começou a lamber a pata, umedeceu o local, facilitando a proliferação do fungo? Ou já havia um foco de fungo, que coçou, o cachorro lambeu, aliviou a coceira e nunca mais parou de lamber?

Esse é o maior dilema da lambedura excessiva em cães. Por isso, o problema deve ser avaliado por um dermatologista e por um terapeuta comportamental. Pode ser só fungo, pode ser só estresse, mas pode ser os dois (o mais comum).

Lambedura excessiva por estresse

Você quiser saber se seu cachorro se lambe apenas por tédio ou estresse, vou te ensinar um teste durante uma semana:

- Ofereça mordedores diferentes para cada dia;
- Dê uma das refeições do dia em dispositivos recheáveis;
- Passeie pelo menos 10 minutos todos os dias;
- Não brigue ou dê bronca caso você pegue o cachorro se lambendo;
- Brinque do que ele mais gosta por pelo menos 15 minutos todos os dias;
- Antes de dormir, coloque uma música

calma, acalme a respiração e faça um carinho nele.

Se após uma semana com essa rotina ele não melhorar em nada a lambedura, procure um médico-veterinário.

A falta do que fazer, a falta de rotina, o excesso de broncas e algum fator estressante podem ser motivações para o cão começar a lamber a pata. O motivo? O mesmo que leva muitas pessoas a roerem as unhas: liberação de neurotransmissores do bem-estar, alívio de tensão.

O ato de roer unha ajuda a nos acalmar em situações de angústia ou estresse. Lamber as patas funciona igualzinho para os cães. O problema não é roer a unha ou lamber as patas, mas o que faz com que haja esse comportamento. Não adianta brigar com o cachorro que está se lambendo. É preciso entender o motivo pelo qual ele está tendo esse comportamento.

Agora que você já sabe tudo isso, converse com seu amigo, vizinho, parente, colega. Explique sobre a importância de não repreender o comportamento, mas entender o que está por trás do “errado”.



Seu gato está fazendo xixi fora da caixa?

“Micção inapropriada” é o termo técnico que utilizamos quando queremos nos referir ao comportamento de eliminar o xixi fora da caixa. Infelizmente, assim como a agressividade, ela é causa do abandono de muitos gatos, e até motivo de eutanásia. As questões com as caixas de areia são inúmeras, e eu vou separar aqui em três categorias, para que o entendimento fique mais fácil para vocês.

1- Problemas médicos

Várias doenças “clínicas” como diabetes, problemas renais, problemas no trato urinário, doenças inflamatórias, locomotoras e infecciosas podem levar a esse quadro. Os gatos que possuem doenças de caráter mais “emocionais” como a ansiedade, também podem fazer o xixi fora da caixa como um sinal, portanto, a visita ao médico veterinário especialista em felinos e também ao profissional especializado em comportamento são necessárias e de extrema importância.

2- Aversão à caixa de areia

Aqui temos que pensar em duas coisas: na areia e na caixa. Devemos lembrar que mesmo domesticados, os gatos ainda carregam comportamentos dos seus ancestrais que são mais selvagens. A pergunta que precisamos sempre fazer é: como ele faria na natureza?

Tipo e quantidade de areia

Na natureza, o gato geralmente procuraria por um substrato (que no caso é a areia) confortável, principalmente porque suas patas são muito mais sensíveis quando comparadas às mãos e pés do ser humano.

Por esse motivo, os gatos tendem a preferir as areias mais finas, sem cheiros e que formam um belo e resistente torrão. Aqui vale lembrar que os gatos possuem um olfato em média 20 vezes mais potente que o nosso, e é um animal extremamente higiênico.

Então manter a caixa de areia sempre limpa, é fundamental para o bem-estar e saúde do seu gato. Recomendamos que essa limpeza (recolher os torrões de areia e o cocô) seja realizada no mínimo duas ou três vezes ao dia.

A quantidade de areia também é muito importante, e deve ser em média de 3 a 5 cm, dependendo do formato da caixa e das preferências do seu gato.

E qual saber qual a melhor areia??

Ofereça várias opções de tamanho (grãos pequenos, finos ou finíssimos) e de diferentes composições (argilas ou cereais) e veja qual o seu gato vai usar mais. É assim que ele vai determinar qual a areia ideal.

Em casa com vários gatos, pode ser necessário usar vários tipos de areia.

Tamanho da caixa de areia

A caixa de areia ideal deve ser 1,5 vezes o tamanho do gato, ou seja, ter o tamanho do gato mais a metade dele, para que ele possa ter espaço o suficiente para eliminar o seu xixi/ cocô e fazer todas as posturas, movimentos e rituais que ele faria na natureza (como por exemplo cheirar, cavar e enterrar). Chamamos estes comportamentos de “repertório natural de eliminação”.

Número de caixas

O número ideal de caixas deve ser o número de gatos + 1, ou seja, quem tem dois gatos deve ter três caixas, e essas caixas não podem estar uma ao lado da outra, devem estar em áreas (pontos) diferentes, já que os gatos não costumam dividir o mesmo local de eliminação.

Caixas colocadas uma ao lado da outra, passa para o gato a impressão de “um banheiro único”, ou um “banheiro gigante”, e isso não é legal.

Local da caixa de areia

Os gatos precisam de segurança e conforto para “fazer as suas necessidades”, e na linguagem felina, segurança significa ter um local longe de barulhos, cheiros e outras “coisas” ameaçadoras.

Evite áreas de muita passagem de pessoas como corredores ou portas que precisam ser abertas e perto de máquinas de lavar.

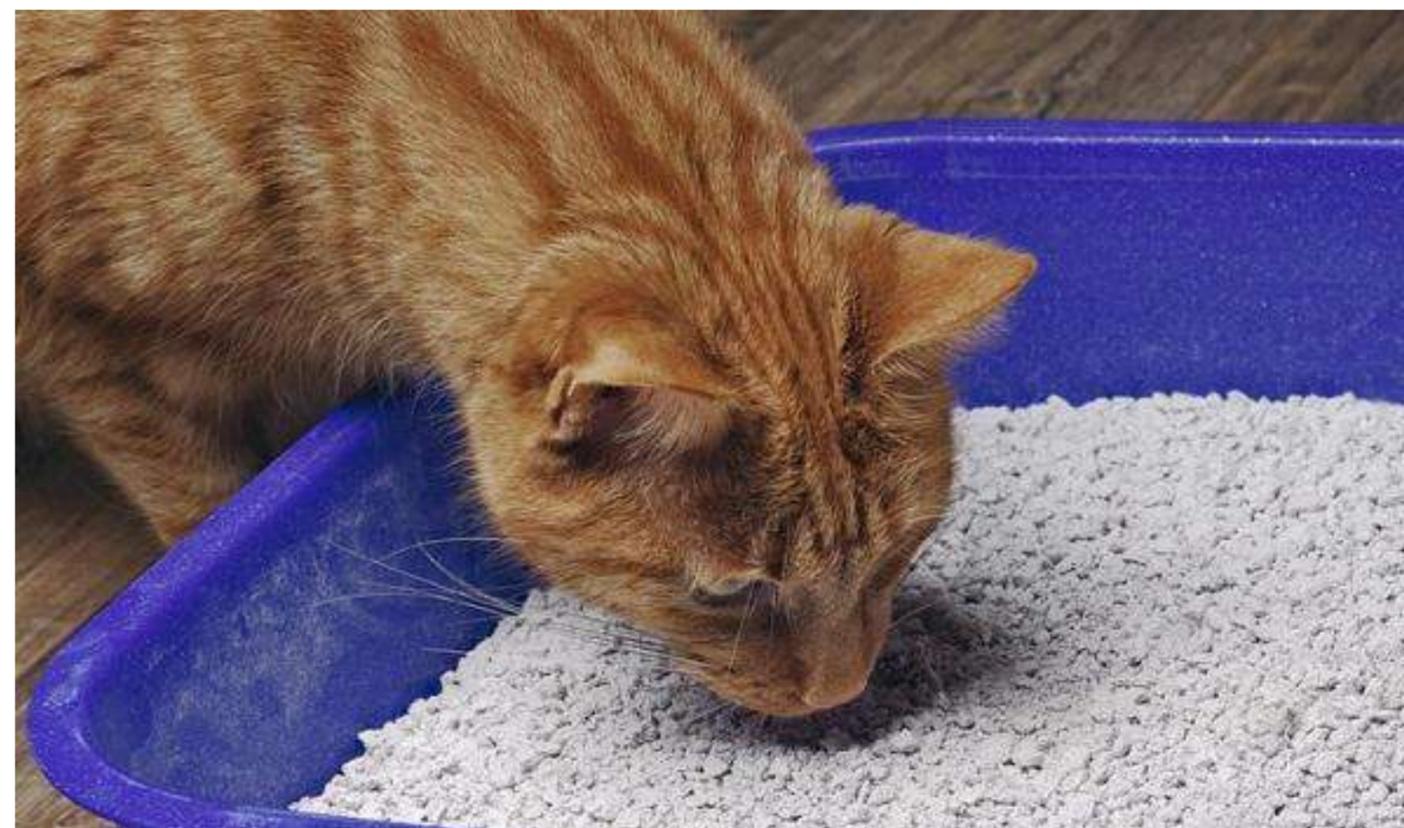
3- Conflitos com outros gatos

Em casas com muitos gatos podem haver conflitos por território, e nessas situações, é importante analisar se o xixi fora da caixa não é um “xixi de marcação territorial”. Para te ajudar nesse diagnóstico, é imprescindível a consulta com um especialista da área de comportamento felino.

Os gatos não gostam de comer, nem beber água e nem de dormir perto das caixas de areia. Eles costumam utilizar o centro do seu território para comer, descansar e brincar e as periferias dele para fazer as suas necessidades.

Tente organizar a sua casa para que as caixas de areia fiquem em diferentes locais e os gatos tenham várias opções e escolhas, evitando assim possíveis conflitos e brigas.

Temos sempre que lembrar que gatos são seres únicos e principalmente com temperamentos, hábitos e preferências individuais. Compreender essas questões é essencial para uma relação positiva e feliz com o seu gato



5 tipos de caminha que seu cachorro vai amar

A vinda de um cachorro filhote para família é muito animadora, incluindo a hora de preparar tudo para sua chegada. Ao pensar nos utensílios, é essencial levarmos em conta o bem-estar, principalmente escolhendo o lugar em que ele irá dormir e recuperar suas energias. Ao buscar por opções de caminha para cachorro filhote, provavelmente você irá se deparar com vários modelos. Para não errar na escolha, veja as diferenças e tipos de cama para cachorro:

1 - Cama almofadão

Essa é uma das mais populares. O modelo serve para cachorros de todos os portes e é bem fofinha. Geralmente são mais usadas por cachorros grandes, então, se seu filho de quatro patas for um filhote de raça de porte grande, este almofadão pode ser uma boa opção não somente enquanto ele é filhote, mas principalmente por atender ao seu tamanho na fase adulta.

2 - Cama de laterais altas

Também chamada de cama-ninho, a cama de laterais altas é mais uma opção popular, super procurada pelos pais de pets aqui na loja da Petlove. Como o próprio nome já diz, as laterais do produto são mais altas, e no centro há uma almofada bem fofa.

Para filhotes é uma boa opção, porém, fique atento ao tamanho da cama. Seu filhote precisa ficar confortável, podendo se esticar e deitar sem ser incomodado pelas bordas.

3 - Cama box e cama divã

Esses dois modelos ainda são menos conhecidos pelos tutores, porém não dei-

xam de ser boas opções de caminha para cachorro filhote. Essas camas chamam a atenção pela beleza e sofisticação. Mas atenção: se seu filhote for do tipo que ama se sujar, vale considerar colocar uma capinha impermeável na cama ou escolher um tecido mais fácil de limpar.

Os modelos box e divã podem ser excelentes opções para filhotes, mas podem não ser a melhor escolha para um pet idoso, que tenha problemas articulares, por exemplo, pois sua altura pode exigir um esforço a mais na hora de tirar um cochilo.

4 - Cama iglu

Se o seu cachorrinho mora numa região fria ou se você já estiver se preparando pro inverno, a cama iglu pode ser o modelo ideal! A cama iglu é bem quentinha e geralmente feita para cachorros de pequeno porte. Seu formato é, como o nome mesmo já diz, de iglu. Alguns modelos permitem que o tutor, ou até mesmo o pet (por que não?) abaixem o teto, fazendo com que a cama ganhe uma nova apresentação, com a lateral mais alta.

5 - Cama suspensa

Se anteriormente demos uma opção para lugares frios, aqui vai uma escolha para locais mais quentes. A cama suspensa não tem pezinhos e é fácil de limpar. É bem fresquinha, perfeita para seu cachorro filhote em dias de verão. É indicada para todos os portes, menos para pets idosos, devido à sua altura. Essa opção também é bem interessante para os filhotes que costumam destruir as camas mais almofadadas, pois seu material é bastante resistente.

